

HOMENAGEM À PROFESSORA DOUTORA ANA PAULA TAVARES MAGALHÃES

Nossas vidas são repletas de momentos difíceis. Todavia, existem também as compensações. Os amigos que estão sempre prontos para nos auxiliar, seja com um carinho, um abraço ou mesmo uma palavra. Coisas que parecem insignificantes, mas que possuem uma importância tão imensa que fazem a diferença entre tantas coisas nessa vida. AMIGA! Sim, AMIGA em maiúscula é o que define a Professora Doutora Ana Paula Tavares Magalhães. E, como diz Shakespeare, “bons amigos são a família que nos permitem escolher.” E, uma vez posta como AMIGA, vamos tratá-la como fazemos, quando a encontramos: Aninha!

Aninha não é daquelas amigas que apenas nos felicita, mas que, quando necessário, nos contraria. Esse é um dado da verdadeira amizade. Puxa-nos as orelhas quando acha necessário, mas, tendo sempre em mente, o intuito de nos preservar e nos auxiliar. Ela se realiza com o sucesso dos amigos e nos acalenta em nossas angústias, mostrando claramente que as amizades não são mensuráveis. Cabe perfeitamente na definição de Fernando Pessoa: “Meus amigos são todos assim: metade loucura, outra metade sanidade. (...) Fico com aqueles que fazem de mim um louco e um santo. Deles não quero resposta, quero meu avesso. Que me tragam dúvidas e angústias e aguentem o que há de pior em mim (...).”

Assim, Fernando Pessoa complementa Shakespeare quando diz que “Enquanto houver um louco, um poeta e um amante haverá sonho, amor e fantasia. E enquanto houver sonho, amor e fantasia, haverá esperança”. Mas não creiam em tudo o que o que digo pois, quando não parece é muito; quando é muito, é pouco e, depois, nunca será o bastante! É, pois, verdadeira a frase de Francis Bacon: “A melhor parte da beleza é aquela que nenhum retrato consegue expressar.”

Aninha nunca abandonou a ideia de fazer de sua vida algo extraordinário. Bacharel e licenciada, logo lançou-se à tarefa do mestrado, tendo como tema “A Questão Espiritual nos Beguinos da Provença.” Em seguida, realizou seu doutoramento com a temática “Contribuição à Questão da Pobreza Presente na Obra *A Arbor Vitae Crucifixae Iesu* de Ubertino de Casale.”

Pelas temáticas, percebe-se que aborda um dos períodos mais complexos da época Medieval e se sobressai com texto de uma excepcional qualidade e rigor. Tanto que seu doutoramento acabou por tornar-se o livro “Os Franciscanos e a Igreja na Idade Média. *A Arbor vitae crucifixae Iesu* de Ubertino de Casale,” publicado em 2016. Incansável, pouco tempo depois, realizou sua Livre-Docência com a tese “Ressignificação de Francisco de

Assis nas Fontes Franciscanas Primitivas (1229-1246).”

E desde o seu bacharelado até sua Livre-Docência realizou tudo pela Universidade de São Paulo, campo de excelência e seriedade de produção acadêmica. O “poverelo” de Assis parece ser seu mais amado objeto. Dedicou a ele vários de seus artigos e capítulos de livros dos quais participou.

Apenas para citarmos alguns, temos “Os frades de Boaventura na Cidade dos Homens”; “A Ordem Franciscana e a sociedade cristã: centro, periferia e controvérsia”, artigo publicado nessa revista que hoje lhe presta homenagem tal como “A *via pacis*: dissenso e consenso no projeto franciscano e, para além do livro supra citado, organizou juntamente com Marinalva Silveira Lima o livro “Cotidiano, poder e relações sociais entre a Antiguidade e a Idade Média”, onde encontramos seu artigo em conjunto com sua companheira na organização o texto intitulado “Ubertino de Casale, leitor de São Boaventura: fundamentos para uma escrita franciscana da História”. Vale também ressaltar sua gratidão para com seu mestre, o Professor Nachman Falbel a quem essa obra vai dedicada. Dentre seus capítulos de livros encontramos “Pobreza, Periferia e Exclusão: as relações entre lugar geográfico e lugar social na Ordem Franciscana”; “Latrão IV (1215): antecedentes dos debates reformistas?”; “A *ars* escrita dos espirituais franciscanos”; “Guerra e Paz na Ordem Franciscana: o discurso da pobreza como elemento de disputa”, dentre outros...

Atualmente, é Professora Associada da Universidade de São Paulo onde segue sua pesquisa da medievalidade em diferentes temas como: Religião e Religiosidades, Migrações na História, História da Igreja Católica, Heresias Medievais, História do Franciscanismo, História e Narrativa, dentre outros. É também uma rigorosa orientadora em diversos trabalhos de mestrado e doutorado, dos quais participei em diversas ocasiões – e vice-versa – que abrangem, em vários momentos, diferentes épocas e temas daquele de seu maior interesse. E em todos, demonstrou possuir um vasto arcabouço de conhecimento, o que a torna uma verdadeira “Medievalista”, no sentido pleno da palavra. Impressiona também sua busca pelo desconhecido.

A convidei diversas vezes para conferenciar em meus cursos de pós-graduação propondo-lhe temas dos quais ela, em sua constante “*humilitas*” dizia-se apaixonada pelo desafio do conhecer novos assuntos e, em todas as ocasiões impressionou pela intimidade com que os abordou, além do rigor, seriedade e erudição com que os realizou. Lembra-me, nesse momento, de Clarice Lispector quando diz que “Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada.”

Confirmando essa afirmativa de ser Aninha uma verdadeira medievalista, podemos citar alguns de seus artigos como “A Demanda do Santo Graal: o manuscrito

de Heidelberg”; “Na Senda da Razão: Filosofia e Ciência no medievo judaico”, este último publicado em Coimbra; “Saberes e Artes na Universidade Medieval: Boaventura de Bagnoregio e a ciência do século XIII”; “The Medieval University and the Ethos of Knowledge. Franciscan friars, patristic tradition and scholastic `instruments`”, retomando aqui seus queridos franciscanos.

Juntamente com o Professor Sergio A. Feldman organizou o “Dossiê: Debates, Polêmicas e Conflitos: relações entre estabelecidos e `outsiders` no Ocidente Tardo-Antigo”; o supracitado livro em homenagem ao Professor Nachman Falbel; o livro “Linguagem e Produção do discurso na História: fontes, modelos e problemas da Cristandade (séculos V-XVI).

Mas para alguém que crê ser isso mais que suficiente, Aninha ainda é coordenadora do LABORA (Laboratório de Estudos e de Produção de Textos Relacionados ao Pensamento e Cultura na Idade Média); é conselheira da ANPUH (Associação Nacional de História, mas que nasceu como Associação Nacional dos Professores Universitários de História) e, atualmente, coordena o programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP.

Desnecessário salientar que é atuante em diversas associações de pesquisa nacionais e internacionais como, para ficarmos apenas em um exemplo, o SAEMED (Sociedad Argentina de Estudios Medievales). Faz parte igualmente do Núcleo de Estudos Medievais e do Núcleo de Estudos do Mediterrâneo. Recentemente também ocupou o cargo de Assessora de Programas e Eventos da Pró-Reitoria de Pesquisa.

8

Sua linha de trabalho atual é “A Questão da *Plenitude Potestatis* em Guilherme de Ockham (1285?-1347?): um exame de seus escritos políticos, em que o autor em questão coloca-se ao lado do imperador contra o papa na disputa entre o *regnum* e o *sacerdotium*. Também apresenta como projeto de pesquisa a questão da “Produção Escrita e Representação na História da Idade Média. Suportes, técnicas, recursos retóricos e recepção”. Integra igualmente o comitê de boas práticas em pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP. Membro do LUDENS, núcleo interdisciplinar dedicado ao estudo das modalidades lúdicas e, para nossa sorte, é uma presença constante – e, portanto, já inserida como membro efetivo – do NEAM (Núcleo de Estudos Antigos e Medievais – Assis/Franca).

Mas tudo isso que a Professora Doutora Ana Paula Tavares Magalhães realizou e continua realizando, não se fez sem sacrifícios ou sem dificuldades. Na ausência de palavras melhores de minha parte, reproduzo aqui o texto de Elisabeth Kluber-Ross que citei na homenagem ao Professor Doutor Celso Taveira: “Las personas mais belas con las que me he encontrado son aquellas que han conocido la derrota, conocido el sufrimiento, conocido la lucha, conocido la perdida, y han encontrado su forma de salir de las profundidades. Estas personas tienen una apreciación, una sensibilidad y una

comprensión de la vida que nos llena de compasión, humildad y una profunda inquietud amorosa. La gente bela no surge de la nada”.

É, como nos lembra também, Clarice Lispector: “A felicidade aparece para aqueles que choram, para aqueles que se machucam. Para aqueles que buscam e tentam sempre”. Desde muito cedo, Aninha trabalhou, deu aulas e realizou sua carreira às custas de muita luta. E, assim, acabou superando aquilo que julgava maior que ela mesma. Todavia, não foram os abismos que diminuíram, mas, foi sim o fato de que ela soube crescer para ser maior que eles. Assim descreve um dito hispânico: “No es necesario mostrar bellezas a los ciegos... Ní decir verdade a los surdos... Basta no mentir al que te escucha ní decepcionar al que confio en tí... Las palabras conquístan temporariamente... Pero los hechos, esos sí nos ganan o nos pierden para siempre”. Com ela, aprendemos que os horizontes devem sempre estar ao alcance dos olhos, mas nunca das mãos, pois o barco da segurança nunca se afasta muito da margem!

Saramago disse que “O único valor que considero revolucionário é a bondade, que é o único que conta”. E a bondade é uma constante na convivência com a querida Aninha. Somos, pois, afortunados por termos o convívio com ela, sinônimo de generosidade, de bondade, de amor, de sabedoria, de alegria que, com seu sorriso, consegue iluminar almas.

Parafraseando Gabriel García Marquez, ela pode, em muitos casos, ser apenas uma pessoa para o mundo, mas para seus amigos, ela é o mundo, pois não são as máquinas que o movem, mas o amor, a amizade e, especialmente, as ideias. E ela nos ensina a sempre buscar o encanto das coisas mais simples e que, mesmo quando distraídos, não percamos nunca essa capacidade de ver e sentir a presença mais pura da vida. E que ninguém se engane, já disse Clarice Lispector: “só se consegue a simplicidade através de muito trabalho”. Nossa eterna gratidão a Aninha, “pois a felicidade aparece para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam em nossas vidas”. Se as pessoas entram em nossas vidas através do acaso, não será por acaso que elas permanecerão.

Assim, “para estar junto não é preciso estar perto, e sim do lado de dentro”, como ressalta Leonardo Da Vinci. Com Aninha, aprendemos a nunca abandonar a verdade de fora de nossas vidas, a torná-la algo extraordinário. Sonhar muito, duvidar muito, ter sempre muita emoção, nunca pensar conhecer, procurar muito e não descansar enquanto nossos corações baterem. Viver é uma coisa única e quem pensa que viveu, já deixou de existir. A verdade é algo singular e, por assim ser, jamais será encontrada. Devemos, sim, tirar algo de um lugar etéreo e ver aquilo tomando forma. Todos somos um enigma sem solução ou, cuja solução é o próprio enigma. Agradecemos, Aninha, por você estar em nossas vidas!!! E encerremos com Humberto Eco:

“Stat Ana pristina nomine, nomina nuda tenemus”.



Com imenso carinho e gratidão, de todo o grupo de pesquisa a sua ‘musa inspiradora’